

Produtividade, tarifas e lucros *Clon. Brazil*

Ontem foi dia de boas notícias acerca do desempenho da economia: na análise que a FGV fez das 500 maiores empresas do País, verifica-se, por exemplo, que em 1993, em relação a 1992, os lucros líquidos cresceram 200%. Já os dados relativos aos resultados do primeiro semestre deste ano registram uma melhoria da rentabilidade em relação a 1993, resultados esses na verdade vinculados essencialmente às instituições financeiras. Como em 1992 já se registrara uma melhoria da situação das empresas, pode-se afirmar que a economia brasileira resistiu muito bem a uma inflação recorde, ingressando agora na era da estabilidade do real em condições muito superiores às daquelas das épocas em que se experimentaram outros planos de ajuste.

Os resultados deste primeiro semestre, em que as instituições financeiras exercem grande peso, não permitem conclusões quanto ao desempenho das empresas de modo geral. Com exceção de setores industriais ligados às montadoras, os resultados nada apresentam de extraordinário. Já quanto aos bancos, ao contrário, foram excepcionais, decorrendo da alta taxa de inflação. Mas, ao desaparecer esta no segundo semestre, seguramente surgirão re-

sultados muito menos favoráveis. Tudo indica, porém, que, mantida a tendência do mês de julho, a indústria, em 1994, poderá apresentar bons resultados e isso por ter o setor conseguido, em 1993, sanear sua situação, estando pronto para fruir os benefícios de uma economia estabilizada.

Por isso, parece mais importante nos concentrarmos sobre os resultados alcançados ao longo do ano passado, que acabaram preparando o caminho para o êxito do Plano Real.

Alguns valores, relativos a 1993, devem ser ressaltados: no que toca às 500 maiores empresas, houve um aumento de lucros líquidos de 200%, o que permitiu que a margem de benefícios passasse de 38,9% para 40,4%. Enquanto os custos subiram 10% para um faturamento que ascendeu a 13%, registrou-se um crescimento de 5% nos investimentos. A liquidez se ampliou (de 0,68% para 0,82%), reduzindo-se o endividamento de 0,54 para 0,47.

Tal "performance", que faria inveja a muitos países, mostra que estamos em melhores condições de enfrentar o que se pode chamar de uma economia normal. É incontestável que tais resultados decorreram na maioria dos casos, de ganhos de produtividade que começaram a se manifestar em 1992.

Eles resultaram, essencialmente, de uma maior abertura da nossa economia, o que nos obrigou a produzir a custo mais baixo e melhor qualidade. Chegou-se a tais ganhos favorecidos, aliás, pela possibilidade de importação de componentes e de equipamentos a custo menor.

Entre as empresas que apresentaram maiores lucros, as cinco primeiras são estatais: Telebrás, Petrobrás, Telesp, Eletrobrás, Embратel. Tal fato não nos deve levar à conclusão de que o setor público é eficiente, devendo portanto ser preservado. Tais resultados se devem apenas a

uma política tarifária mais generosa, em muitos casos superior à inflação. O que se pode admitir é que as empresas estatais, com essa lucratividade excepcional, estão hoje melhor preparadas para suportar um congelamento de tarifas que já foram amplamente atualizadas. Se houver dúvida da necessidade de se prosseguir o processo de privatização, bastará observar que uma das empresas privatizadas, a Cia. Siderúrgica de Tubarão, saltou do 302º para o 11º lugar no "ranking" das 500 maio-

res empresas. A Acesita, na mesma situação, passou do 332º para o 28º. E ambas tiveram lucros. E, entre as empresas que sofreram maiores prejuízos, as sete primeiras são estatais, à exceção da Cosipa que, privatizada, conseguiu atenuar as suas perdas.

A situação financeira das empresas melhorou mediante redução do endividamento, que, exceção feita às empresas estatais, é bastante modesto. Com isso o empresário enfrenta uma economia estável em melhores condições. Destaque-se, nesse sentido, o setor agrícola, cujo endividamento ficou reduzido a 0,16% contra 0,24% em 1992.

A margem bruta das empresas cresceu de 38,9% para 40,4% (setor industrial, 42,4%; serviços, 35%; agricultura, 62%). Poucos países podem gabar-se de tais resultados. Certamente, a retomada do crescimento contribuiu para que se chegasse a esses valores, mas também o receio do futuro. O fato é que, hoje, numerosas empresas estão em condições de, num clima de estabilidade, reduzir suas margens para vender mais e investir para conquistar novos ganhos de produtividade.

Os balanços mostram que as empresas estão prontas para a estabilidade econômica